

Napoleão perdeu esperança antes do julgamento

BRASÍLIA — “É fatura liquidada”. Com o veredito antecipado às 18h, antes mesmo de ser aberta a sessão do Tribunal Superior Eleitoral, o senador Hugo Napoleão, presidente licenciado do PFL e um dos articuladores da candidatura Sílvio Santos, jogou a toalha. Nessa mesma hora, Marcondes Gadelha, ex-líder do PFL no senado, que passou curta temporada como candidato a vice-presidente pelo PMB na chapa de Sílvio, estava sumido: seu irmão, Paulo, telefonou aflito para o gabinete do senador Napoleão para saber se, por acaso, não tinham viajado juntos de São Paulo para Brasília. E Edison Lobão, o terceiro senador do PFL que esteve à frente da candidatura, embarcava para Miami, onde um de seus filhos, acidentado há duas semanas, será submetido a uma cirurgia.

Mesmo com esse quadro, não havia clima de derrota absoluta no gabinete do senador Hugo Napoleão. Cercado por sua mulher, Leda, e pelo deputado federal José Teixeira (PFL-MA), e esperando a chegada do amigo deputado Átila Lira (PFL-PI), o senador combinava um jantar íntimo, enquanto não chegava a hora marcada para telefonar a Sílvio Santos, entre as 21 e 23 horas, para comentar a decisão do TSE. Napoleão havia se reunido com o empresário na quarta-feira, aproveitado a manhã de quinta para uns exames médicos em São Paulo, e voltando a Brasi-



Hugo Napoleão

lia à tarde. Durante o voo para Brasília, uma viagem desagradável pelo excesso de turbulência, é que Napoleão pressentiu que o Tribunal não daria o registro da candidatura.

— Não tinha nenhuma razão, mas apenas uma impressão - definiu mais tarde o senador.

Entrevista — Em comentários à parte, amigos atribuíam esse sentimento de Napoleão às pressões sobre o Tribunal e às indicações tiradas de uma entrevista do ministro Francisco Rezek, que destacara a excelência da impugnação apresentada pelo procurador-geral Eleitoral. Hugo Napoleão não perdeu

tempo: antes da decisão, pediu uma ligação para o secretário-geral do partido no Piauí, Freitas Neto, determinando a convocação de uma reunião das bancadas federal e estadual do PFL, a partir de segunda-feira, para decidir o que fazer agora.

O grupo fiel a Napoleão — dois terços dos prefeitos e vereadores do Piauí, 13 deputados estaduais e 7 federais, segundo a contabilidade do líder — tem um rumo por enquanto indefinido: pode caminhar com Brizola, com Covas ou com Afif. A expectativa do grupo é de que um desses candidatos buscaria o apoio do senador Napoleão. Havia também a hipótese de manter o apoio a Sílvio Santos, se se confirmasse outra hipótese levantada: a de que ele se candidataria no lugar de Pedreira, do PPB. Tudo dependerá do que houver neste fim de semana.

A maioria do PFL — reconhece o presidente do partido — está apoiando o candidato Fernando Collor. Muitos estão com Maluf, com Brizola, com Afif e, “por incrível que pareça, há até aurelianistas”, ironiza Napoleão. Por isso, não pensa em deixar o partido:

— A regra é não estar com o candidato do partido, e assim estou ao lado da maioria do PFL. O partido sairá intacto desse episódio.

Até por isso o senador acredita que será possível unir o PFL no segundo turno.